

Texto Extraído do Livro dos Médiuns
Allan Kardec

Primeira Parte
Noções Preliminares
CAPÍTULO III - Método

18. Um desejo natural e muito louvável de todo espírita – desejo que se deve sempre encorajar – é o de fazer prosélitos, isto é, novos seguidores. Foi em vista de facilitar sua tarefa que nos propusemos a examinar aqui o caminho mais seguro, conforme nosso ponto de vista, para atingir esse objetivo, a fim de poupar esforços inúteis.

Dissemos que o Espiritismo é toda uma ciência, toda uma filosofia; aquele que quer conhecê-lo seriamente deve, como condição primeira, dedicar-se a um estudo sério e se compenetrar que, mais do que qualquer outra ciência, ele não pode ser aprendido brincando. O Espiritismo, como já dissemos, aborda todas as questões que interessam a humanidade; seu campo é imenso e é, principalmente, em suas consequências que convém ser examinado. A crença nos Espíritos sem dúvida forma sua base, mas não é suficiente para formar um espírita esclarecido, da mesma forma que a crença em Deus não basta para formar um teólogo. Vejamos de que modo convém ensinar a Doutrina Espírita para levar mais seriamente à convicção.

Que os espíritas não se espantem com a palavra ensinar; ensinar não é somente o que se faz do alto da cátedra ou da tribuna; há também o da simples conversação. Toda pessoa que procura convencer uma outra, seja por explicações, seja por experiências, pratica o ensinamento; o que desejamos é que esse esforço alcance resultados, e é por isso que julgamos dever dar alguns conselhos igualmente proveitosos para os que querem se instruir por si mesmos; neles encontrarão o modo de chegar mais segura e rapidamente ao objetivo.

19. Acredita-se geralmente que, para convencer alguém, basta mostrar os fatos; esse parece sem dúvida o caminho mais lógico; entretanto, a experiência mostra que nem sempre é o melhor a se fazer, porque há pessoas a quem os fatos mais evidentes não convencem de maneira alguma. Por que isso acontece? É o que vamos tentar demonstrar.

No Espiritismo, crer na existência dos Espíritos é questão secundária; é uma consequência, não o ponto de partida. É aí precisamente que está o nó da questão que muitas vezes provoca repulsa a certas pessoas.

Os Espíritos não são outra coisa senão a alma dos homens. Assim, o verdadeiro ponto de partida é a existência da alma. Como pode o materialista admitir que seres vivem fora do mundo material quando acredita que ele mesmo é apenas matéria? Como pode admitir Espíritos à sua volta se não acredita ter um em si? Em vão reuniremos diante de seus olhos as provas mais palpáveis; ele contestará todas, porque não admite o princípio. Todo ensinamento metódico deve caminhar do conhecido para o desconhecido, e para o materialista o conhecido é a matéria; deve-se partir da matéria e procurar, antes de tudo, levá-lo a observá-la, convencê-lo de que há alguma coisa que escapa às leis da matéria; em uma palavra, antes de o tornar espírita, tentai torná-lo espiritualista*; para isso, há toda uma outra ordem de fatos, um ensinamento todo especial em que é preciso proceder por outros meios. Falar-lhe dos Espíritos antes de ele estar convencido de ter uma alma é começar por onde seria preciso acabar, porque ele não pode admitir a conclusão se não admite as bases. Antes de começar a convencer um incrédulo, mesmo pelos fatos, convém se assegurar de sua opinião em relação à alma, ou seja, se ele acredita na sua existência, na sua sobrevivência ao corpo, na sua individualidade após a morte; se a resposta for negativa, será trabalho perdido falar-lhe dos Espíritos. Eis a regra. Não dizemos que não haja exceções, mas nesse caso há provavelmente outra causa que o torna menos refratário.

20. Entre os materialistas, é preciso distinguir duas classes: na primeira os que o são por sistema; para eles não há dúvida, apenas a negação absoluta, raciocinada à sua maneira; aos seus olhos,

o homem é apenas uma máquina que funciona enquanto está viva, que se desarranja e da qual, após a morte, resta apenas a carcaça. São, felizmente, em número muito pequeno e não constituem em nenhuma parte uma escola altamente reconhecida; não temos necessidade em insistir sobre os deploráveis efeitos que resultariam para a ordem social a propagação de uma doutrina semelhante; fomos suficientemente esclarecidos sobre esse assunto em O Livro dos Espíritos, questão no 147, e Conclusão, item no 3. Quando dissemos que a dúvida cessa para os incrédulos com uma explicação racional, é preciso excluir destes os materialistas, pelo menos os que negam qualquer poder ou princípio inteligente fora da matéria; a maioria deles teima em sua opinião por orgulho e acredita por amor-próprio que são obrigados a persistir nisso; persistem, apesar de todas as provas contrárias, porque não querem se rebaixar. Com essas pessoas, não há nada a fazer; não é preciso nem mesmo se deixar levar pelas falsas aparências de sinceridade dos que dizem: “faça-me ver e acreditarei”. Há os que são mais francos e dizem vaidosamente: “ainda que visse não acreditaria”.

* Espiritualista: todo aquele que acredita que tem em si algo mais do que o corpo material, ao qual dá os mais variados nomes: alma, espírito, essência, centelha, sopro etc., mas que nem por isso deve ser considerado espírita, ao passo que todo o espírita é espiritualista (Veja em O Livro dos Espíritos, Introdução, item no 2, “A Alma”) (N.E.).

21. A segunda classe dos materialistas é muito mais numerosa, porque o verdadeiro materialismo é neles um sentimento antinatural; compreende os que o são por indiferença e, pode-se dizer, por falta de coisa melhor; não o são de caso pensado, e o que mais desejam é crer, porque para eles a incerteza é um tormento. Há neles uma vaga aspiração em relação ao futuro; mas esse futuro lhes foi apresentado de uma forma que sua razão não pode aceitar; daí a dúvida e, como consequência da dúvida, a incredulidade. Para eles, a incredulidade não é um sistema; apresentai-lhes algo de racional e o aceitam de bom grado, estes podem nos compreender, porque estão mais perto de nós do que eles mesmos pensam. Aos primeiros não se deve falar nem de revelação, nem de anjos, nem de paraíso, pois não compreenderiam; mas, ao vos colocar no seu terreno, provai-lhes primeiramente que as leis da fisiologia são impotentes para explicar tudo; o resto virá a seguir. É muito diferente quando a incredulidade não é preconcebida, porque assim a crença não é absolutamente nula; há um germe latente sufocado pelas ervas daninhas, mas que uma faísca pode reanimar; é o cego a quem se restitui a visão e que fica feliz em rever a luz, é o naufrago a quem se estende uma tábua de salvação.

22. Ao lado dos materialistas propriamente ditos, há uma terceira classe de incrédulos que, embora espiritualistas, pelo menos de nome, não são menos refratários; são os incrédulos de má vontade. Estes ficariam zangados em acreditar, porque isso perturbaria sua satisfação com os prazeres materiais; receiam ver condenadas a ambição, o egoísmo e as vaidades humanas, que são os seus prazeres; fecham os olhos para não ver e tapam os ouvidos para não ouvir. Só se pode lamentá-los.

23. Citemos apenas para mencioná-la uma quarta categoria, que chamaremos de incrédulos interesseiros ou de má-fé. Estes sabem muito bem tudo em relação ao Espiritismo, mas o condenam ostensivamente por interesse pessoal. Não há nada a dizer sobre eles, como não há nada a fazer com eles. Se o materialista puro se engana, tem pelo menos a seu favor a desculpa da boa-fé; pode-se corrigi-lo ao provar o erro; porém, nesta categoria de que falamos, há uma determinação radical contra a qual todos os argumentos se chocam; o tempo se encarregará de lhes abrir os olhos e lhes mostrar, talvez à custa de sofrimento, onde estavam seus verdadeiros interesses, porque, não podendo impedir que a verdade se espalhe, serão arrastados pela torrente, juntamente com os interesses que acreditavam salvar.

24. Além de todas essas categorias de opositores, há uma infinidade de nuances entre as quais se podem contar os incrédulos por covardia: a coragem lhes virá quando virem que os outros não

se prejudicam; os incrédulos por escrúpulos religiosos: um estudo esclarecido lhes ensinará que o Espiritismo se apoia sobre as bases fundamentais da religião e respeita todas as crenças e que uma das suas consequências é dar sentimentos religiosos aos que não os têm e fortificá-los naqueles em que estão vacilantes; há ainda os incrédulos por orgulho, por espírito de contradição, por indiferença, por leviandade etc. etc.

25. Não podemos omitir uma categoria que chamaremos de incrédulos por decepções. São pessoas que passaram de uma confiança exagerada à incredulidade, causada por decepções; então, desencorajadas, abandonaram e rejeitaram tudo. É como se alguém negasse a honestidade só por ter sido enganado. É a consequência de um estudo incompleto do Espiritismo e da falta de experiência. Os Espíritos enganam geralmente aqueles que lhes solicitam o que não devem ou não podem dizer e que não são esclarecidos o suficiente sobre o assunto para discernir a verdade da impostura. Muitos, aliás, vêem o Espiritismo apenas como um novo meio de adivinhação e imaginam que os Espíritos existem para adivinhar o futuro; acontece que os Espíritos levianos e zombeteiros não deixam de se divertir à custa dos que pensam dessa forma; é por isso que prometem marido às moças; ao ambicioso, honras, heranças, tesouros escondidos etc.; daí surgem, muitas vezes, decepções desagradáveis, das quais o homem sério e prudente sempre sabe se preservar.

26. Uma outra classe, a mais numerosa de todas, mas que não podemos classificar como opositores, é a dos indecisos; geralmente são espiritualistas por princípio; na sua maioria, têm uma vaga intuição das idéias espíritas, uma aspiração para algo que não podem definir. Falta-lhes somente formular e coordenar os pensamentos; para eles, o Espiritismo é como um raio de luz: é a claridade que dissipa o nevoeiro; por isso o acolhem com entusiasmo, porque os liberta das angústias da incerteza.

27. Se continuarmos examinando as diversas categorias dos que crêem, encontraremos também os espíritas sem o saberem; e, especificamente falando é uma variedade ou uma nuance da classe dos indecisos. Sem nunca terem ouvido falar na Doutrina Espírita, possuem o sentimento inato dos seus grandes princípios, e esse sentimento se percebe em algumas passagens de seus escritos e discursos, a tal ponto que, ao ouvi-los, julgaríamos que são conhecedores da Doutrina. Encontra-se numerosos exemplos disso nos escritores sacros e profanos, nos poetas, nos oradores, nos moralistas, nos filósofos antigos e modernos.

28. Dentre aqueles que aceitaram a Doutrina Espírita estudando-a, podemos distinguir:

1o) Aqueles que acreditam pura e simplesmente nas manifestações dos Espíritos. O Espiritismo é para eles uma simples ciência da observação, uma série de fatos mais ou menos curiosos; nós os chamaremos espíritas experimentadores.

2o) Aqueles que não vêem no Espiritismo nada além dos fatos; compreendem a parte da filosofia, admiram a moral que dela se origina, mas não a praticam. A influência da Doutrina sobre seu caráter é insignificante ou nula; não mudam nada em seus costumes e não renunciam a um único prazer: o avarento continua a ser mesquinho; o orgulhoso, sempre cheio de amor-próprio; o invejoso e o ciumento sempre hostis; para estes, a caridade cristã é apenas uma bela máxima; são os espíritas imperfeitos.

3o) Aqueles que não se contentam em admirar a moral espírita, mas que a praticam e aceitam todas as suas consequências. Convencidos de que a existência terrestre é uma prova passageira, fazem o possível para aproveitar esses curtos instantes e avançar na direção do caminho do progresso, para poderem se elevar na hierarquia do mundo dos Espíritos, esforçando-se para fazer o bem e reprimir suas tendências para o mal.

A caridade está em todas as coisas, é a regra para sua conduta; aí estão os verdadeiros espíritas, ou melhor, os espíritas cristãos.

4o) Finalmente, há os espíritas exaltados. A espécie humana seria perfeita se tomasse sempre o lado bom das coisas. O exagero em tudo é prejudicial. No Espiritismo, ele provoca a confiança

cega e infantil nas coisas do mundo invisível e faz aceitar muito facilmente e sem cuidado o que a reflexão e o exame demonstrariam ser absurdo ou impossível.

O entusiasmo não faz raciocinar, deslumbra. Essa espécie de seguidores da Doutrina é mais prejudicial do que útil para a causa do Espiritismo; são os menos competentes para convencer, porque se desconfia, com razão, de seu julgamento; são enganados na sua boa-fé por Espíritos mistificadores, enganadores, ou por pessoas que procuram explorar sua credulidade.

Se as consequências disso atingissem somente a eles, haveria apenas inconvenientes; o pior é que dão, inocentemente, argumentos aos incrédulos que procuram antes ocasiões de zombar do que de se convencer e não deixam de impor a todos o ridículo de alguns. Isso, sem dúvida, não é nem justo nem racional; mas, como já se sabe, os adversários do Espiritismo apenas reconhecem a sua razão como de boa qualidade, e procurar conhecer a fundo aquilo do que falam é o menor de seus cuidados.

29. As maneiras pelas quais se aceita a Doutrina variam muito conforme os indivíduos; o que persuade uns não consegue nada sobre outros; um é convencido observando algumas manifestações, outro, pelas comunicações inteligentes, e uma grande parte, pelo raciocínio. Até mesmo podemos dizer que, para a maioria, os fenômenos não despertam interesse ou são de pouco significado. Quanto mais esses fenômenos são extraordinários e se afastam das leis conhecidas, maior oposição encontram, e isso por uma razão muito simples: se é naturalmente levado a duvidar de uma coisa da qual não se tem um conhecimento racional; cada um a vê de acordo com o seu ponto de vista e a explica à sua maneira: o materialista vê uma causa puramente física ou um embuste; o ignorante e o supersticioso vêem uma causa diabólica ou sobrenatural; porém, uma prévia explicação tem por efeito anular as idéias preconcebidas e aclarar, senão a realidade, pelo menos a possibilidade do fenômeno; compreende-se antes de o ter visto; acontece que, a partir do momento em que a possibilidade é reconhecida, estamos a meio caminho da convicção.

30. Vale a pena tentar convencer um incrédulo obstinado? Dissemos que depende das causas e da natureza de sua incredulidade; muitas vezes, a insistência em querer convencê-lo o faz acreditar em sua importância pessoal, que é uma razão para a sua teimosia. Aquele que não se convenceu nem pelo raciocínio nem pelos fatos é porque ainda deve sofrer a prova da incredulidade; é preciso confiar à Providência o momento de circunstâncias mais favoráveis; muitas pessoas pedem para receber a luz; não há que perder tempo com aquelas que a repelem. Dirigi-vos aos homens de boa vontade, cujo número é maior do que se acredita, e seu exemplo, ao se multiplicar, vencerá mais resistências do que as palavras. O verdadeiro espírita nunca deixará de fazer o bem; há sempre corações aflitos a amparar, consolações a dar, desesperados a acalmar, reformas morais a realizar; aí está a sua missão, e nela encontrará sua verdadeira satisfação. O Espiritismo está no ar; ele se espalha pela força dos fatos e porque torna felizes aqueles que o professam. Quando seus adversários sistemáticos o ouvirem ressoar ao redor deles, entre seus próprios amigos, compreenderão seu isolamento e serão forçados a se calar ou a se render.

31. Para se ensinar o Espiritismo, como qualquer outra ciência, seria preciso passar em revista toda a série de fenômenos que se podem produzir, a começar pelos mais simples, chegando sucessivamente aos mais complicados. Mas não pode ser assim, porque seria impossível fazer um curso de Espiritismo experimental como se faz um de física e química. Nas ciências naturais opera-se a matéria bruta, que se manipula à vontade e sempre se tem a certeza de regular os efeitos. No Espiritismo lidamos com inteligências, que têm liberdade e nos provam a cada instante que não são submissas aos nossos caprichos; é preciso, portanto, observar, esperar os resultados colhendo-os no exato momento; daí termos afirmado claramente que todo aquele que se vangloriasse de obtê-los à vontade seria apenas um ignorante ou um impostor. Eis por que o verdadeiro Espiritismo jamais será um espetáculo e nunca se apresentará sobre um tablado.

Realmente há algo de ilógico em supor que os Espíritos venham desfilarem e se submeter à investigação como objetos de curiosidade.

Os fenômenos poderiam não acontecer quando se tivesse necessidade ou se apresentar em uma outra ordem totalmente diferente daquela que desejaríamos. Acrescentamos ainda que, para obtê-los, é preciso pessoas dotadas de faculdades especiais, que variam ao infinito conforme a aptidão dos indivíduos; acontece que, como é extremamente raro que a mesma pessoa tenha todas as mediunidades, é uma dificuldade a mais, porque seria preciso sempre ter à mão uma verdadeira coleção de médiuns, o que é totalmente impossível.

O meio de superar esse inconveniente é simples; basta começar estudando a teoria na qual todos os fenômenos são passados em revista, são explicados, podendo deles se inteirar, compreender a sua possibilidade, conhecer as condições nas quais podem se produzir e os obstáculos que se podem encontrar; independentemente da ordem em que venham a acontecer, não há nada que nos possa surpreender. Esse caminho oferece ainda outra vantagem: poupar o experimentador que quer operar por si mesmo de uma série de decepções; precavido contra as dificuldades, pode se manter em guarda e evitar adquirir experiências à sua custa.

Desde que nos ocupamos com o ensino do Espiritismo, seria difícil dizer o número de pessoas que vieram depois de nós e, entre estas, quantas vimos permanecer indiferentes ou incrédulas na presença dos fatos mais evidentes e, entretanto, se convencer mais tarde por uma explicação racional; quantas outras foram predispostas à convicção pelo raciocínio; enfim, quantas foram persuadidas sem terem visto nada, simplesmente porque haviam compreendido. É, portanto, por experiência que falamos, e é também porque dizemos que o melhor método de ensinamento espírita é o de se dirigir à razão antes de se dirigir aos olhos. É o que seguimos em nossas lições, e temos alcançado muito sucesso.

32. O estudo preliminar da teoria tem uma outra vantagem: mostrar imediatamente a grandeza do objetivo e o alcance dessa ciência; aquele que se inicia no Espiritismo vendo uma mesa girar ou bater está mais propenso ao espetáculo, porque não imagina que de uma mesa possa sair uma doutrina regeneradora da humanidade. Sempre notamos que, aqueles que acreditaram antes de terem visto, porque leram e compreenderam, longe de se ater ao superficial, são, ao contrário, os que mais refletem, ligando-se mais ao fundo do que à forma. Para eles, a parte filosófica é a principal e os fenômenos propriamente ditos são o acessório; dizem a si mesmo que, se os fenômenos não existissem, teríamos uma filosofia, que é a única capaz de resolver os problemas até agora insolúveis, a única que apresenta uma teoria racional do passado do homem e de seu futuro. Sua razão prefere uma doutrina que explica àquelas que nada explicam ou que explicam mal. Todo aquele que reflete compreende muito bem que a Doutrina se afirma e subsiste independentemente das manifestações espirituais, que vêm fortificá-la, confirmá-la, mas que não são a sua base essencial; o observador consciencioso não as repele; ao contrário, ele espera as circunstâncias favoráveis que lhe permitirão testemunhá-las. A prova de que avançamos é que, antes de ter ouvido falar sobre as manifestações, uma grande quantidade de pessoas teve a intuição da Doutrina e apenas aguardava que se lhe desse um corpo, uma conexão lógica às idéias.

33. Também não seria exato dizer que aqueles que começam pela teoria deixam de ter o conhecimento das manifestações práticas; ao contrário, eles o têm, e, aos seus olhos, porque conhecem as causas, elas se revelam mais naturais, precisas e valiosas; são os numerosos fatos das manifestações espontâneas, das quais falaremos nos capítulos a seguir. Há poucas pessoas que não têm conhecimento delas, ainda que seja por ouvir falar; muitos as viveram pessoalmente, sem lhes prestar maior atenção. A teoria explica os fatos, e esses fatos têm grande importância quando se apóiam em testemunhos irrecusáveis, porque não tiveram nem preparações nem cumplicidade. Se os fenômenos provocados não existissem, os fenômenos espontâneos bastariam, e o Espiritismo igualmente lhes daria uma solução racional, o que já seria muito. Por isso, a maior parte daqueles que estudam a teoria com antecedência relembram-se dos fatos vividos, que confirmam a teoria.

34. Estaria redondamente enganado quem supusesse que aconselhamos desprezar os fatos; é pelos fatos que chegamos à teoria; é verdade que para isso foi preciso um trabalho assíduo de muitos anos e milhares de observações; mas, uma vez que os fatos nos serviram e servem todos os dias, seríamos inconsequentes com nós mesmos se lhes negássemos a importância que têm, especialmente quando fazemos um livro destinado a conhecê-los. Dizemos entretanto que, sem o raciocínio, os fatos não bastam para se chegar à convicção; que uma explicação preliminar, expondo as prevenções e mostrando que os fatos não têm nada de contrário à razão, dispõe as pessoas a aceitá-los. Isso é tão verdadeiro que de dez pessoas que assistam a uma sessão de experimentação, nove sairão sem estarem convencidas, e algumas sairão mais incrédulas do que antes, porque as experiências não respondem às suas expectativas. Será completamente diferente com aquelas que puderem compreender os fatos mediante um conhecimento teórico antecipado, porque esse conhecimento iria servir de meio de controle, de forma que, por conhecerem, nada irá surpreendê-las, nem mesmo o insucesso, pois sabem em que condições os fatos se produzem e que não se pode pedir-lhes o que não podem dar. A compreensão prévia dos fatos as coloca, então, a ponto de entender não só todas as anomalias, mas também de notar uma multidão de detalhes, de nuances, muitas vezes delicados, que são para elas meios de convicção e que escapam ao observador ignorante. Esses são os motivos que nos levam a admitir em nossas sessões experimentais apenas pessoas com noções preparatórias suficientes para compreender o que se faz; acreditamos que as outras perderiam seu tempo ou nos fariam perder o nosso.

35. Àqueles que quiserem adquirir esses conhecimentos preliminares pela leitura de nossas obras, eis a ordem que aconselhamos:

1o) O que é o Espiritismo? Essa brochura de apenas cem páginas é uma exposição resumida dos princípios da Doutrina Espírita, um relance geral que permite abraçar o conjunto sob um quadro restrito. Em poucas palavras, vê-se o objetivo, e pode-se julgar sua importância. Contém as principais questões e objeções que as pessoas novatas habitualmente fazem. Essa primeira leitura, que necessita apenas de pouco tempo, é uma introdução que facilita um estudo mais aprofundado.

2o) O Livro dos Espíritos. Contém a Doutrina completa ditada pelos próprios Espíritos, com toda sua filosofia e todas as suas consequências morais; é a revelação do destino do homem, a iniciação à natureza dos Espíritos e aos mistérios da vida do além-túmulo. Ao lê-lo, compreende-se que o Espiritismo tem um objetivo sério, e não é um passatempo fútil.

3o) O Livro dos Médiuns. É destinado a guiar a prática das manifestações pelo conhecimento dos meios mais apropriados para se comunicar com os Espíritos; é um guia tanto para os médiuns quanto para os evocadores e o complemento de O Livro dos Espíritos.

4o) Revista Espírita¹. É uma coletânea variada de fatos, explicações teóricas e trechos destacados que completa o que foi dito nas duas obras precedentes e que é de alguma forma a sua aplicação. A leitura pode ser feita ao mesmo tempo, mas será mais proveitosa e mais inteligível especialmente após a leitura de O Livro dos Espíritos.

Isso em relação a nós. Aqueles que querem conhecer tudo em uma ciência devem necessariamente ler tudo o que é escrito sobre a matéria ou pelo menos as coisas principais, e não se limitar a um único autor; devem mesmo ler os prós e os contras, tanto as críticas como as opiniões elogiosas, e estudar os diferentes sistemas, a fim de poder julgar com conhecimento. Nesses assuntos, não indicamos nem criticamos nenhuma obra, não querendo influenciar em nada a opinião que se pode formar dela; trazendo nossa pedra ao edifício, fizemos o que devíamos; não nos cabe ser juiz e parte, e não temos a ridícula pretensão de sermos os únicos portadores da luz; cabe ao leitor separar o bom do mau, o verdadeiro do falso.

1 - Revista Espírita (1858-1869): publicação mensal dirigida por Allan Kardec até o seu desencarne e por cujas páginas passaram os mais variados assuntos de todas as partes do mundo referentes à Doutrina Espírita, que se expandia. Há no Brasil uma excelente tradução completa da Revista Espírita feita pelo doutor Júlio Abreu para a Editora Edicel (N.E.).